

Fernando Neves, delegado regional da Associação de Hotelaria

Quebra acentuada de turistas na Páscoa e o Verão é uma incógnita

Correio dos Açores - Quais as perspectivas para o próximo Verão?

Fernandes Neves (delegado regional da Associação de Hotelaria de Portugal) - Antes de algum alarmismo gerado pelo coronavírus, as expectativas eram boas. Na sequência dos anos anteriores, iam no sentido de consolidar o crescimento dos fluxos turísticos que vinham a ocorrer.

Neste momento, há uma grande incógnita. Há poucas reservas e começa a haver alguns cancelamentos. E, portanto, as perspectivas, neste momento, são sombrias.

A afluência de turistas aos Açores na Páscoa vai ser muito baixa. A Páscoa, em anos anteriores, tem sido um período em que já se iniciava a época alta com ocupações bastante elevadas. Mas, este ano, a Páscoa vai ser bastante baixa. Os próximos meses não se perspectivam bons.

A encontrar-se uma vacina para o vírus, podem ocorrer reservas de última hora para o Verão?...

O que acontece é que, numa situação normal, fazem-se reservas com alguma antecedência. O mercado alemão e outros mercados fazem reservas antecedência. E, neste momento, pelas restrições de mobilidade, as perspectivas são más.

O que se está a passar não é tanto pela situação que se vive nos Açores. Vamos sofrer, sim, com a falta de viagens.

Portanto, a redução da mobilidade, em geral, vai afectar os Açores...

Naturalmente que vai afectar os Açores. Poderá haver alguma possibilidade de reservas à última da hora tendo em conta o mercado português. Mas esta tendência vai ser muito restrita aos mercados de proximidade.

A perspectiva que tenho é a de que os aumentos que poderemos ter na época alta virão do mercado português, se mantivermos alguma segurança e conseguirmos ter a situação controlada.

Esta situação de instabilidade no mercado turístico é um alerta para investimentos desproporcionados que se possam fazer em novas unidades hoteleiras na Região?...

É evidente. Há uns anos que venho falando em euforia (...). E há pequenas situações e alguns imprevistos que alteram a direcção dos fluxos turísticos.

O coronavírus vai ter reflexos muito negativos, pelo menos este ano, na economia e com maior reflexo no turismo. A situação pode ser ultrapassada mas o impacto no turismo vai ser, este ano, bastante negativo, de uma forma transversal para a economia mas, principalmente, ao nível do turismo. Não há mobilidade. As pessoas não vão circular, não vão viajar e isso terá, a nível geral, reflexos negativos.

Preocupa-me a instabilidade que tudo isso vai gerar nas empresas dos Açores,



"Vamos sofrer nos Açores com a falta de mobilidade em termos gerais"

sobretudo nas do turismo e dos serviços. As empresas turísticas têm vindo a consolidar-se nos últimos anos e esta situação cria uma instabilidade para a qual é preciso olhar com atenção. E espero que, naturalmente, as entidades oficiais tenham uma atenção muito especial para esta situação que, prevejo, possa ser muito negativa. Desejo que não seja assim, mas, infelizmente, vai ser.

Alarmismo excessivo é prejudicial...

Tudo o que seja excessivo, quer em termos de euforia, quer em termos e pessimismo, não é bom conselho. Os extremos não são bons conselheiros. De qualquer maneira, temos que ter algum cuidado. Não é a questão de se ser pessimista, mas sim de se ser realista neste momento.

Naturalmente que o crescimento que vinha a ocorrer no turismo, não vai acontecer este ano. Está a haver uma redução substancial da procura, nomeadamente, dos Açores. E temos de estar preparados e encontrar, eventualmente, alternativas que penso que não são fáceis.

A alternativa que, neste momento, possa ver, relaciona-se com os mercados de proximidade. E estamos a falar do mercado português.

Prevejo que a situação de alarmismo que está a acontecer, neste momento, vai ser ultrapassada e as coisas vão estabilizar. É capaz de permanecer alguma insegurança em Março, Abril e Maio. E penso que, a partir daí, a situação vai estabilizar e vão regularizar-se.

Em 2019 visitaram os Açores mais turistas estrangeiros do que nacionais. E, pelas suas palavras, percebe-se que este ano poderão vir aos Açores mais

"As empresas turísticas têm vindo a consolidar-se nos últimos anos e espero que, naturalmente, as entidades oficiais tenham uma atenção muito especial para esta situação que, prevejo, possa ser muito negativa. Desejo que não seja assim, mas, infelizmente, vai ser".

turistas nacionais do que internacionais...

Vai vir um pouco menos de turistas internacionais. Esta é a minha perspectiva, eventualmente pessimista. Mas, dada a instabilidade que se vive, neste momento, com as reservas a reduzirem em relação ao ritmo a que estavam, tudo aponta para uma diminuição de turistas internacionais.

Reafirmo que, no início do ano, as perspectivas que tínhamos em relação ao Verão eram positivas. Havia a noção de que iríamos consolidar o turismo que afluí aos Açores e que não iríamos ter crescimentos muito significativos. Iria, sim, haver algum crescimento, o que é importante.

Agora, neste momento, há uma incógnita.

Há uma perspectiva de que, daqui a quatro a cinco anos, o número de turis-

tas que visita os Açores pode duplicar em relação ao que aconteceu o ano passado. Comunga desta opinião?

O turismo vai continuar a crescer nos Açores nos próximos anos. É evidente que temos muitos factores positivos. Fomos certificados como o primeiro arquipélago do mundo com turismo sustentável. Temos uma oferta bastante diversificada e diferente no mercado. Continuamos a ser únicos. Há muita curiosidade em visitar os Açores.

Mas, atenção, as coisas não explodem, até porque não estaríamos preparados para isso. Designadamente, em termos de serviços e de recursos humanos. Não estaremos preparados para o crescimento do turismo para o dobro em três a quatro anos.

Em sua opinião qual o impacto que esta situação motivada pelo vírus pode gerar nas transportadoras aéreas? Poderemos ter uma redução de voos já programados para os Açores no Verão?

O que está a acontecer é que as companhias aéreas estão a reduzir, substancialmente, a ocupação dos aviões e o seu valor. É sabido que a easyJet e a Ryanair já tiveram uma quebra, cada qual, para cima dos 25%.

Se as companhias de aviação estão a reduzir no número de voos e no número de passageiros por voo, logo, há menos mobilidade e há menos turistas.

E é esta a nossa preocupação. Podemos ser afectados, não por razões locais, mas por todo o ambiente gerado no contexto nacional e internacional.

Já tivemos alguns casos confirmados em Portugal continental de pessoas que vieram do exterior.

Um destino turístico como Açores, onde não há turismo de massas, pode ser uma melhor opção do que outro destino onde há um turismo de massas...

O problema é a desconfiança que as pessoas têm em termos gerais. É o facto de deixarem de viajar por questões de segurança. Está a haver cancelamentos. E o problema que se coloca é que destinos onde há menos procura, vão ser mais agressivos.

A época baixa como decorreu nos Açores?

A época baixa não foi muito positiva. Principalmente Dezembro e Janeiro, a nível de hotéis, foram abaixo do ano passado, foram mesmo negativos. Em Fevereiro, os fluxos turísticos estabilizaram e cresceram um pouco em relação ao mesmo mês do ano passado...

Não está a ser pessimista?

Não sou pessimista, nada. Sou realista. E em relação à época baixa, não é uma questão de pessimismo ou de realismo. É uma questão do que aconteceu mesmo.

João Paz